VOO PICADO

Pedro Brinca Professor universitário



Quem conta um conto

Em quatro dias vimos dois 'Benficas'. Na quinta-feira, para a Allianz Cup, Marco Silva mudou sete jogadores e quase não se deu por isso. Não foi brilhante do princípio ao fim, mas a ideia de jogo estava lá, "jogando A, B ou C", como disse o treinador.

Na segunda-feira foi outra conversa. Na primeira parte frente ao Alverca não criámos uma ocasião flagrante e o VAR ainda anulou um golo a Bojang por cinco centímetros. Valeu a entrada de Echeverri ao intervalo. Aos 49 minutos, Prestianni arrancou pela esquerda e serviu-o de trivela, Sergi Gómez derrubou-o na área e Pavlidis marcou o penálti. Contra uma equipa mais fechada faltou paciência. Marco Silva admitiu que foi a pior exibição na Luz e o que mais me preocupou foi ouvi-lo dizer que errámos muitos passes "mesmo sem os jogadores do Alverca forçarem o erro". Ganhar nestes dias também é preciso. Continuamos a cinco pontos do FC Porto.

No sábado, na Assembleia Geral, Rui Costa disse que não é "um papagaio falante", que não estamos "amarrados a ninguém" e que as respostas virão "na altura e nos sítios certos". Sobre a centralização dos direitos televisivos, garantiu que estamos "a combater este processo desde o primeiro dia".

Não foi bem assim. Em setembro de 2021, Rui Costa dizia que "o Benfica não irá sair prejudicado deste processo". Em 2023 dizia que "estamos a apoiar", desde que ninguém saísse prejudicado. Em outubro do ano passado, em plena campanha, afirmou que o Benfica "aceitou, desde a primeira hora, a centralização". A rutura só chegou em maio de 2025, num comunicado contra as arbitragens do fim da época. E a promessa de que nenhum clube perderia nunca esteve no decreto-lei de 2021, cujo preâmbulo aponta a venda individual como uma das causas da 'discrepância' na distribuição das receitas. Em março de 2022, no relatório que coordenei para o Servir o Benfica, estimámos perdas entre 10 e 25 milhões por ano para cada um dos grandes.

Na mesma resposta, Rui Costa admitiu que, enquanto valeu a promessa de que todos iam ganhar, "o Benfica não tinha como não participar nesta centralização". Só mudámos de posição quando se percebeu que o dinheiro não ia chegar. No estudo citado acima, essa constatação já tinha sido feita em 2022. A escolha foi confiar em Proença. Está aí o resultado.